



FACULDADES INTEGRADAS DE PONTA PORÃ

SALVADOURA CARDOSO OSSUNA

**LUDICIDADE, DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA SALA DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS.**

PONTA PORÃ - MS

2013

SALVADOURA CARDOSO OSSUNA

**LUDICIDADE, DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA SALA DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
às Faculdades Magsul Ponta Porã, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Ma. Mirta Mabel Escovar Torraca

PONTA PORÃ - MS

2013

SALVADOURA CARDOSO OSSUNA

**LUDICIDADE, DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA SALA DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
as Faculdades Magsul Ponta Porã, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Ma. Mirta Mabel Escovar Torraca

Data de aprovação: 19/12/2013

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientadora: Ma. Mirta Mabel Escovar Torraca.

Faculdades Magsul

Membro: Ma. Roseli Áurea Soares Sanches.

Faculdades Magsul

PONTA PORÃ - MS

2013

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise sobre como a ludicidade poderá ser aplicada como um instrumento de apoio pedagógico na sala de aula, como também potencializar o desenvolvimento integral da criança nos aspectos cognitivo, social, físico e afetivo. Nesse contexto, o trabalho estruturou-se a partir da seguinte pergunta condutora: A ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico importante na construção do conhecimento na sala de aula do 1º Ano dos Anos Iniciais? A metodologia do trabalho estruturou-se em uma abordagem qualitativa, com a técnica de um estudo de caso, fundamentado nos teóricos Lüdke e André (1986) e Maluf (2003). Os resultados alcançados foram frutos da leitura dos autores mencionados e também da análise das observações e entrevistas realizadas com a comunidade escolar. Nessa perspectiva, o estudo demonstra que a ludicidade é um importante instrumento na construção do conhecimento e no desenvolvimento da criança, possibilita a aprendizagem a partir de uma maneira didática diferenciada.

Palavras-chaves: Lúdico. Criança. Ambiente Escolar.

Agradeço a Deus por dar-me força e ter-me iluminado em todos os momentos.

À minha família pelo apoio, compreensão, paciência e amor.

Aos meus colegas pelo incentivo, carinho e amizade.

Aos meus professores e mestres pela dedicação e pelos ensinamentos repassados durante estes anos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LÚDICO, BRINQUEDO E A IMPORTÂNCIA PARA A CRIANÇA	9
2.1 Brincadeiras	12
2.2 Teorias de Piaget de acordo com Yves La Taille	15
2.3 Teoria de Vygotsky por Marta Kohl de Oliveira.....	16
2.4 Teoria de Wallon por Izabel Galvão.....	18
3 CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.	20
4 A LUDICIDADE EM PONTA PORÃ: UM ESTUDO DE CASO NA FRONTEIRA..	25
4.1 Ponta Porã, história, memória e ludicidade	27
4.2 Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murtinho.....	29
4.3 Metodologia da pesquisa	30
4.4 Análises das entrevistas	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	37
APÊNDICE	39

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise referente ao tema ludicidade, almeja compreender como ocorre a aplicação desse recurso no 1º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto o trabalho estruturou-se a partir da seguinte pergunta condutora: A ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico importante na construção do conhecimento na sala de aula do 1º Ano dos Anos Iniciais? A metodologia deste trabalho está estruturada em uma abordagem qualitativa, sob o referencial teórico de Lüdke e André (1986). A pesquisa será desenvolvida a partir de um estudo de caso, norteadas pela leitura dos autores mencionados, confrontando com a realidade a partir do estudo de um problema.

A temática se justifica nos estudos realizados sobre o desenvolvimento infantil em que foi discutida a relação da criança com o lúdico, resultando em aprendizagem significativa. Nesse sentido, afirma Maluf que:

Através do brincar a criança prepara-se para aprender. Brincando ela aprende novos conceitos, adquire novas informações e tem um crescimento saudável. Muito pode ser trabalhado a partir de jogos e brincadeiras: contar e ouvir histórias, dramatizar, jogar com regras, desenhar e uma infinidade de outras atividades constituem meios prazerosos de aprendizagem. (Maluf, 2003, p. 20, 30).

De acordo com a citação a criança aprende a partir do meio em que ela vive, expressando-se ao imitar uma realidade, na representação de papéis de adultos, desenvolvendo capacidades físicas, cognitivas, de comunicação, porque ela interpreta várias experiências, exercitando a imaginação e criatividade no decorrer de suas brincadeiras. Quanto mais ela participar de atividades lúdicas seu aprender será mais prazeroso.

O presente trabalho está dividido em textos: o primeiro apresenta uma breve contextualização sobre o lúdico, e a importância da brincadeira para a criança. O segundo aborda as características da criança e os desafios que a escola enfrenta, pois a mesma receberá crianças de diferentes classes sociais e todas deverão ser atendidas dentro de suas necessidades. O último texto apresenta o resultado da análise do trabalho de leitura e análise da pesquisa realizada na sala do 1º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Joaquim Murinho.

A pesquisa terá como base principal a leitura bibliográfica dos teóricos, observações e análises das entrevistas com a comunidade escolar. Confrontando as afirmações sobre o

tema lúdico como instrumento de apoio pedagógico na sala de aula e também nas respostas obtidas nas entrevistas a serem realizadas com os educadores que atuam na área.

2. LÚDICO, BRINQUEDO E A IMPORTÂNCIA PARA A CRIANÇA

Neste texto, serão abordados conceitos de ludicidade, brinquedo e sua importância para a criança, para isso recorreremos a alguns autores Maluf (2003) e Bomtempo (1998) para fundamentar a temática mencionada.

O termo lúdico, presente nos diálogos educacionais, geralmente vem ligado à ideia de prazer, brincadeiras, descontração, divertimento. Sendo assim, essencial para o desenvolvimento e o aprendizado dos pequenos. É por meio de atividades lúdicas que as crianças adquirem um bom desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. É brincando que irá desenvolver sua imaginação, seu pensamento, comunicação e habilidades como: concentração, criatividade e coordenação.

Brincar é uma atividade fundamental da criança. Pela brincadeira ela pensa, sente o mundo, interioriza e coloca em ação sua imaginação. Nesse contexto, toda criança quer brincar, experimentar, sentir, tocar, descobrir, realizar fantasias, imitar, inventar e aprender. Brinca em todos os lugares, na rua, em casa e na escola.

Segundo Bomtempo (1999), é através do brincar que a criança desenvolve sua imaginação quando faz de conta, imitando um adulto, na representação de papéis como: ser mãe, médico, princesa, etc., quando brinca, representa o mundo que irá desempenhar mais tarde.

Para Bomtempo (1999), seria preferível que a criança brincasse com outros objetos simples como uma pedra, ou um pedaço de pano ou de pau que possa transformar a seu bel-prazer em um instrumento musical, ferramenta, arma, carro, boneca ou bicho, do que com brinquedo que, embora chamem sua atenção, levam a saciação rápida, porque não permitem alternativas nem fazer algo diferente. Para brincar, não precisamos de nenhuma complexidade, pelo contrário, um simples objeto, um pedaço de madeira transforma-se em um carro, cavalinho; um papel pode virar um barquinho ou um avião, pois estimula a imaginação e criatividade. Por meio da brincadeira permite-se que a criança manifeste a imaginação que logo será transformada em realidade.

Piaget (1971) chama de jogo simbólico, o processo que apresenta inicialmente uma ação solitária, evoluindo para o estágio de jogo dramático, isto é, para a representação de papéis.

Quando brincam de faz de conta as fantasias sempre estão associadas à realidade familiar e social em que a criança está inserida. A partir desse momento ela vive um mundo

seu. Ela é a mãe, o pai, rainha, professor etc., imitando todas as situações do dia a dia. Expressando desejos, fantasias, vontades e conflitos. De acordo com Singer (1973) apud Bomtempo (1988):

A maior parte dos jogos de faz-de-conta também tem qualidade social no sentido simbólico. Envolve transações interpessoais, eventos, e aventuras que englobam outras características e situações no espaço e no tempo. O jogo imaginativo acontece com pares ou grupos de crianças que introduzem objetos inanimados, pessoas, que não estão presentes no momento. (BOMTEMPO, 1988, p. 60).

É preciso destacar que nesta fase o jogo simbólico individual, pode também de acordo com a ocasião, transformar-se em coletivo com a presença de vários participantes. Podemos observar que quando brincam imitam barulhos de canhões e aviões com apenas um pedaço de madeira e soldados de plásticos simulando uma guerra. Ou ainda a menina que conversa com sua amiga invisível.

Nesse contexto, ela transporta o mundo adulto para as suas ações, tornando-o como realidade as pessoas, coisas e lugares, o cenário é produzido pela própria criança, que representa e determina como brincar. Atribuindo assim, novos significados e dando vida a objetos insignificantes.

Para Vygotsky (1984), o brinquedo que comporta uma situação imaginária também comporta uma regra que a própria criança produz. E afirma que, à medida que a criança vai se desenvolvendo, ocorrem modificações: primeiro predomina a situação e as regras estão ocultas (não explícitas); com o passar dos anos, predominam as regras (explícitas) e a situação imaginária fica oculta. Segundo afirma Vygotsky apud Bomtempo:

No brinquedo, uma ação substitui outra ação, assim como um objeto substitui outro objeto. Ao mesmo tempo em que a criança é livre para determinar suas ações no brincar, estão subordinadas aos significados dos objetos, e a criança age de acordo com eles. (BOMTEMPO, 1998, p. 62).

Nesse sentido, a criança altera o significado dos objetos, eventos, expressa seus sonhos, fantasias e assume papéis presentes no contexto social. Ao conferir um novo significado ao brinquedo predomina sua ação e a função do papel que representa de acordo com o que imaginou.

De acordo com Vygotsky (1984) é por meio do brinquedo que as crianças satisfazem os seus desejos, que muitas vezes não podem ser realizados. Por exemplo, ao ocupar o papel de mãe, está realizando um desejo irrealizável. Ela não tem capacidade de esperar, então ela cria um mundo ilusório; o qual se percebe na ação que ela realiza.

O mesmo autor ainda afirma que é praticamente impossível a criança com menos de três anos envolver-se em uma situação imaginária, porque ao passar do concreto para o abstrato não há continuidade, mas sim descontinuidade. Quando ela brinca com determinado objeto, entretanto ela não vê da maneira como ele é, mas como gostaria que ele fosse, e confere novo significado. Por exemplo, quando a criança monta na vassoura que é o objeto, ela está dando um novo significado, para ela é um cavalinho e finge estar cavalgando. O brinquedo estimulou-a ter um gesto se assemelhando a realidade. No brinquedo o que mais importa para a criança é o gesto, a ação dela sobre o objeto, do significado que ela deu ao brinquedo, do que o próprio objeto. Sendo assim, o autor define que a brincadeira surge originalmente da ação.

De acordo com Bomtempo (1988), o brinquedo para a criança é seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar. O mundo representado é mais desejável que o mundo real.

Para Maluf (2003), o brinquedo é o objeto destinado à diversão da criança. Qualquer outro objeto vira brinquedo na mão de uma criança. Por exemplo, o lápis que escreve ao mesmo tempo pode virar avião, telefone, etc.

Dessa maneira, as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeiras que realizam. Descobrem coisas novas e diferentes, desenvolvem a fantasia e se sentem felizes. Segundo Maluf:

Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam as crianças, eles permitem que as crianças conheçam com mais clareza importantes funções mentais, como o desenvolvimento do raciocínio abstrato e da linguagem. Cada brinquedo faz nascer na criança um mundo de muitas surpresas, instantes demorados de contemplação. (MALUF, 2003, p. 44,45).

De acordo com a citação acima, através do brinquedo a criança instiga sua imaginação, adquire sociabilidade, experimenta novas sensações, começa a conhecer o mundo, trava desafios e busca satisfazer a curiosidade de tudo conhecer. Para a mesma autora, o brinquedo não é apenas o objeto que as crianças usam para se divertir e ocupar seu tempo, mas é um objeto capaz de ensiná-las e torná-las felizes ao mesmo tempo.

Para a criança o brinquedo tem muito valor. Às vezes para o adulto o que importa é o preço ou a aparência bonita. Já a criança desconsidera isto, preferindo outros brinquedos mais simples ou até mesmo aqueles que ela mesma confecciona. Torna-se um desafio a sua inteligência ao produzi-lo. É um momento muito prazeroso e de aprendizagem.

Maluf (2003), ainda faz uma importante observação quanto ao valor e o que o brinquedo representa para a criança. Afirma ainda, que é comum não valorizarmos uma tampinha encontrada na gaveta de uma criança e jogá-la fora. Fazendo isto podemos magoá-la. Só ela pode dizer o que aquela tampinha representa. Não temos o direito de invadir a privacidade infantil. O que importa para ela é brincar, o prazer, a alegria e a satisfação que o brinquedo representa.

O brinquedo é um meio de despertar as emoções e criações da criança, pois é ele que faz com que ela simule situações. Se não houver brinquedo será mais difícil a criança realizar uma brincadeira. Esta ação que ela faz sobre a situação imaginária ensina a criança a dirigir o comportamento pelo significado dessa situação. A fantasia e realidade se entrelaçam o prazer e o brincar se tornam muito sério para as crianças.

Portanto, este texto evidenciou que o brinquedo é de grande valia para o desenvolvimento cognitivo da criança. Ao brincar ela exercita a imaginação, a criatividade, desenvolvendo a capacidade de observação, atenção, concentração, estimulando assim a inteligência. E é por meio do lúdico que a criança se diverte porque é um momento prazeroso e também de aprendizado. Desde pequena ela necessita de estímulos para que possa desenvolver o físico, o cognitivo, o afetivo e o social.

2.1 Brincadeiras

Neste texto será abordado sobre as brincadeiras que as crianças realizam e sobre a importância no desenvolvimento social e emocional. Para isso recorreremos a alguns autores Maluf (2003); Bomtempo (1988).

Segundo Maluf (2003), através da brincadeira a criança melhora a sua comunicação, a convivência e a interação grupal. Ela instrui-se através da brincadeira, ou seja, ela aprende brincando. Brincadeira é sinônimo de divertimento. A criança brinca com prazer e espontaneamente. Reproduz as atividades dos adultos, observa as condutas e passa a agir da maneira como os adultos agem.

De acordo com Kostelnik e colaboradores (1986) apud Bomtempo (1988), os personagens de super-heróis, também são bastante comuns nas brincadeiras das crianças. As fantasias imaginativas que desenvolvem nas brincadeiras é uma forma de resolver os conflitos internos que sofrem na realidade do cotidiano.

Segundo Bettelheim (1988) apud Bomtempo (1988) afirma que, através das fantasias imaginativas e das brincadeiras baseadas nelas, as crianças podem começar a compensar as pressões que sofrem na realidade do cotidiano.

Nesse contexto, as brincadeiras de super-heróis oferecem oportunidade para a criança obter um sentido de poder, procurando a satisfação indireta nos devaneios irreais dessas personagens, busca livrar-se do controle dos adultos, principalmente dos pais.

Nesse sentido, as crianças são muito atraídas pelas características das personagens, pela bondade, sabedoria, coragem, inteligência e a força. Porque solucionam qualquer problema, ultrapassam qualquer obstáculo. São procurados pelas crianças para que os guiem, resolvam suas dúvidas e não recebem ordem de ninguém. Sabem o que é certo, nunca se enganam. São aprovados e reconhecidos pelos adultos e todos querem ser seus amigos. As crianças gostariam de ter os mesmos poderes que eles têm. Identificam-se com a personagem transferindo para as brincadeiras nos seus gestos e comportamentos. Tentam imitá-los, já que elas têm pouco poder num mundo que é dominado pelo adulto.

De acordo com Levinzon (1989) apud Bomtempo (1988), a brincadeira de super-herói, ao mesmo tempo ajuda a criança construir autoconfiança, desta forma poderá superar facilmente os obstáculos da vida real, como vestir-se, comer um alimento sem deixar cair, fazer amigos, enfim, corresponder às expectativas dos padrões da pessoa adulta.

No mundo da ficção os jogos de papéis ocorrem da mesma maneira que em outras brincadeiras. Como muito bem afirmam Kostelnik e colaboradores (1986), apud Bomtempo (1988), o que acontece com todos os tipos de jogos dramáticos aparece também nas brincadeiras de super-herói, pois as crianças aumentam suas habilidades linguísticas, são levadas a solucionar melhor os seus problemas e desenvolverem a cooperação. Para Brougere (1990), apud Bomtempo (1988).

A brincadeira aparece, assim, como um meio de sair do mundo real para descobrir outros mundos, para se projetar num universo inexistente. O brincar da criança não está somente ancorado no presente, mas também tenta resolver problemas do passado, ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro. (BOMTEMPO, 1998, p. 68,69).

Nesse sentido, a menina ao brincar de boneca irá repetir aquilo que pode observar nos afazeres da mãe, e dessa forma transfere para o dia-a-dia as atividades da brincadeira com a boneca.

De acordo com Bomtempo (1988), brincar com bonecas revela a necessidade que a criança tem de ser consolada e tranquilizada. Alimentar e vestir bonecas com as quais se

identifica funciona como uma prova que sua mãe a ama e isso diminui o medo de ser abandonada e de ficar no desamparo, sem lar e sem mãe.

É através dos brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, abertura para o diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior e desenvolve suas relações de confiança consigo mesma e com os outros (Garbarino e colab. 1992) apud (Bomtempo, 1988).

No sonho, na fantasia, na brincadeira de faz de conta, ela executa os desejos que não podem ser realizados. O brinquedo é o meio pelo qual a criança controla emoções, medo, dor, perda e luta para ter controle do que lhe falta na realidade.

Nas brincadeiras as crianças sempre vão representar o comportamento de um adulto, conhecendo outro mundo que está longe de sua realidade trazendo para o presente, transferindo para o brinquedo e em suas brincadeiras. Segundo Maluf:

As brincadeiras sociais vão se desenvolvendo à proporção que a criança descobre como se comunicar com as outras usando palavras. A conversa gira principalmente em torno dos papéis representados. E à medida que cresce, vai incluindo mais tipos de brincadeiras em suas atividades. (MALUF, 2003, p. 74).

Vale destacar neste contexto que a criança passa por diversos estágios no aprendizado de brincar, algumas delas brincam sozinhas, em paralelo e em grupos. Isto ocorre, devido a diferentes estágios em que a criança se encontra e das brincadeiras que ela participa. Quanto mais crescerá maior será seu desenvolvimento entre as crianças e maior capacidade de se relacionar e comunicar com os outros.

De acordo com Maluf (2003), a maior parte das crianças que brincam sozinhas leva mais tempo para atravessar diversos estágios para aprender a brincar em grupo. Nunca se deve forçar uma criança a participar de brincadeiras em grupo se ela não quiser. É perfeitamente possível que ela não saiba como se relacionar por ainda não estar preparada.

Na faixa etária de cinco a seis anos a criança já aceita as regras das brincadeiras, brinca de faz de conta, compartilha brinquedos, participa de jogos, troca informações e convive bem em grupos. Aprende a ter limites, aprende a lidar com ganhos e perdas. Auxilia ainda na formação de atitudes, consciência de grupo e na autoestima.

A criança adquire capacidades brincando. Participar de brincadeiras é uma excelente oportunidade para que ela viva experiências que irão ajudá-la a amadurecer emocionalmente e aprender formas de convivência mais rica.

Portanto, toda criança necessita brincar e participar de brincadeiras. Nesse contexto, imita o adulto ou uma situação, alterando o significado de objetos e brinquedos. Além disso,

desenvolve a fala, expressa as emoções, socializa com outras crianças, compartilha brinquedo, vivencia momentos alegres e prazerosos. Influencia o comportamento, as atitudes, contribuindo no desempenho social e afetivo. Nesse processo é importante também conhecer o estágio de desenvolvimento da criança para compreender o seu comportamento, os diferentes tipos de objetos e brinquedos, brincadeiras que estimulam as suas ações por meio do brincar, e respeitando a individualidade dessa criança.

2.2 Teorias de Piaget de acordo com Yves de La Taille¹

Os estudos de Piaget são baseados na psicologia da inteligência e visa responder uma pergunta - como os homens constroem o conhecimento, sozinhos ou em conjunto, por quais processos ou etapas eles conseguem fazer isso. Sua obra é baseada na inteligência, na construção e na definição do desenvolvimento da inteligência. A criança é um ser que constrói conhecimento e passa por etapas de desenvolvimento.

A Inteligência acontece pela adaptação, a criança acostuma-se ao meio em que ela vive e também modifica-o para integrar-se a ele. A organização de processos e esse crescimento não se dão por acúmulo de informações, mas sim uma reorganização para ter mais possibilidade de assimilação.

Os conceitos centrais da obra de Piaget são: conceitos de assimilação e conceitos de acomodação. Assimilação: é ver o mundo e interpretá-lo; é quando a pessoa entra em contato com o objeto de conhecimento, a criança retira desse objeto algumas informações e quando retidas tem-se a interpretação, portanto, é um meio de assimilar uma informação e deixar outras de lado. E acomodação: é a organização que a pessoa tem para conhecer o mundo e, é capaz para modificá-lo, dar singularidade ao objeto e mudar constantemente o modo de agir.

De acordo com Piaget, a construção do conhecimento acontece pela abstração empírica e reflexiva. Abstração empírica são informações retiradas do objeto do conhecimento, por exemplo: ao olhar para um quadro abstrair algumas informações ou para saber se um livro é mais pesado do que o outro seja necessário usar a comparação. O peso do livro seria a abstração empírica. A abstração reflexiva é o pensar sobre o agir, neste caso, a comparação do livro. O desenvolvimento acontece a partir do processo da criança pensar sobre o mundo e sobre sua ação sobre o mundo, isto é, a abstração reflexiva.

¹ A construção desta parte do texto baseou-se no debate proferido pela seguinte fonte: DVD Vídeo Coleção Grandes Educadores. Jean Piaget. Apresentação Yves de La Taille. Acessado em 10/07/2013.

Piaget, também estudou sobre os estágios do desenvolvimento da inteligência, esse desenvolvimento não acontecem por acúmulo de informações, eles representam uma lógica da inteligência, e será superada por um estágio superior, e apresenta outra lógica.

Os estágios podem ser divididos em: sensório-motor (0 a 24 meses). Pré-operatório (02 a 07 anos). Operatório (07 anos em diante). Sensório-motor - a inteligência começa a se estruturar muito antes da linguagem, a inteligência é anterior à fala, pré-verbal, sem linguagem, ou seja, sem comunicação, mas é a inteligência em ação. Ela será reconstruída no universo da linguagem, na construção do real, lidando através da percepção e das ações, ela vai se modificando.

No estágio do sensório-motor as ações são limitadas e no segundo estágio estas ações estão em representação e sendo superadas. Pré-operatório (2 a 7 anos) é o estágio da representação, a criança adquire a capacidade de pensar um objeto através do outro. A representação cujo comportamento é de desenho, brincar de faz de conta, o reconhecimento no espelho, imitação de algo que ficou em imagem, ou seja, é a capacidade de empregar a linguagem que permite a socialização. E neste processo a criança entra no mundo da moralidade, dos valores, das regras, das virtudes, do certo e do errado.

Portanto, a criança passa por diversas etapas de desenvolvimento e à medida que se desenvolve vai assimilar informações e modificá-las. Sendo superada por outra fase a inteligência passa por transformação. Assim, podemos entender o comportamento e o desenvolvimento da sua inteligência e como lidar com uma criança.

2.3 Teoria de Vygotsky por Marta Kohl de Oliveira²

De acordo com Vygotsky, linguagem é o principal instrumento de representação simbólica que o ser humano dispõe. Esta linguagem é a fala, o discurso.

As pessoas desenvolveram a linguagem para se comunicar. Vygotsky trabalha com duas funções básicas da linguagem. A primeira função é a comunicação entre as pessoas, que desenvolveram a língua para se comunicar, para resolver problema de comunicação. Um exemplo é o choro do bebê, que é uma linguagem, um ato comunicativo.

A segunda função da linguagem é o pensamento generalizante. A língua se encaixa com o pensamento. Nesta relação, pensamento e linguagem implicam em uma compreensão

² A construção desta parte do texto baseou-se no debate proferido pela seguinte fonte: DVD Vídeo. Coleção Grandes Educadores. Lev Vygotsky. Apresentação Marta Kohl de Oliveira. Acessado em 11/07/2013.

generalizada do mundo. Nesta conexão o homem é capaz de se comunicar pela linguagem num sistema articulado. A inteligência passa a ser abstrata e funciona em planos simbólicos, onde ele é capaz de imaginar, inventar, criar e recuperar o passado, pensar no futuro entre outros.

Para Vygotsky, o primeiro uso da linguagem é a fala socializada, ou seja, é a comunicação com outras pessoas. O outro mais desenvolvido é chamado de discurso interior. Fato este que introduz o sistema simbólico no aparato psicológico. Não é preciso externalizar, funciona dentro da cabeça, por exemplo, pensar sozinho utilizando as palavras como suporte. Tudo começa do lado de fora e depois são internalizadas.

De acordo com Piaget, a fala é egocêntrica. Quando a criança fala sozinha é indicador que o desenvolvimento está saindo de dentro do sujeito e vindo para fora, ela fala para o outro.

Vygotsky, diz que é ao contrário, indica que a fala está sendo posta para dentro. A linguagem é um instrumento do pensamento que ajuda a resolver um problema. Para o autor a aprendizagem promove o desenvolvimento. O sujeito aprende porque está em estágio de desenvolvimento. Ele se desenvolve porque aprende.

Nas brincadeiras de faz de conta ou jogos de papéis, por exemplo, a criança transita pelo mundo do imaginário, brinca de ser professora ou de escolinha, mas ao mesmo tempo está limitada por regras de funcionamento da escola verdade ou do seu imaginário. No brinquedo a criança relaciona-se com o significado das coisas e não com os próprios objetos. Sendo assim, as atividades realizadas do lado de fora constitui aprendizagem e promove o desenvolvimento num percurso atrelado à cultura.

Para Vygotsky, o ser humano absorve informações do ambiente estruturado pela cultura e a intervenção pedagógica é essencial para promover o desenvolvimento de cada sujeito.

Dessa maneira, compreende-se que a aprendizagem da criança ocorre por meio do significado das coisas e do que está ao seu redor. Assim, podemos observar em suas ações que tudo está sendo internalizado e ela vai representando de acordo com o que vê e observa. Por meio da fala ela se comunica, e esse desenvolvimento não acontece somente do contato com os objetos e o significado de cada um deles, mas também as experiências e condutas que a pessoa adulta desenvolve dentro da sua cultura. Por esse motivo a intervenção pedagógica na formação desse indivíduo depende das aprendizagens que serão desenvolvidas dentro da cultura de cada sujeito.

2.4 Teoria de Wallon por Izabel Galvão³

Wallon concentrou seus estudos nas fases iniciais da infância, estudou os campos funcionais e os fatores que constitui o psiquismo humano. Dentre eles destacam-se: o movimento, as emoções, a inteligência e pessoa.

Para Wallon, o movimento é o primeiro sinal de vida psíquica da criança ao nascer, e que permeia todas as idades de todos os campos, no estudo do movimento. O autor faz distinção das duas dimensões do movimento. A primeira é a dimensão mais expressiva que está na base das emoções. A outra a ser destacada é a dimensão instrumental, isto é, a ação direta do meio físico, o concreto.

A emoção é a primeira manifestação afetiva presente na criança. Portanto, a emoção é um fator fundamental de interação da criança com o meio no qual está inserida. O outro fator é o da inteligência discursiva que organiza a ação de maneira diferente, baseada na ideia de representação expressiva porque se constitui por meio da linguagem, tendo acesso a fala. O quarto campo nomeado é a pessoa, e mostra que ao longo do desenvolvimento constrói-se a noção para cada sujeito de si mesmo, a diferença do outro, a noção de EU ou consciência de si próprio.

Esses quatro campos funcionais são inseparáveis um dos outros. Portanto, Wallon procura compreender o sentido do comportamento em função de contextos dos quais essa conduta está inserida.

Wallon vê a infância como um estado provisório, isto é, uma preparação para a fase adulta. Esta fase tem um sentido próprio, a criança é um ser inacabado que tem tendência de se transformar e tornar-se adulto. Não se pode olhar somente a infância, mas o que ela poderá vir a ser. Essa dupla dimensão deve ser articulada.

Segundo Wallon, emoção é a manifestação afetiva e expressiva. Para compreender o sentido das emoções do desenvolvimento do ser humano, um exemplo seria as reações de um bebê que chora e contagia toda a família, ou uma situação de força intensa porque não consegue pegar a mamadeira sozinha. A criança está desprovida de capacidades de agir diretamente com o meio físico, essa conduta apresenta uma expressividade. Portanto, a emoção também tem funções sociais que é a ligação da criança com quem ela vive. Por ser

³ A construção desta parte do texto baseou-se no debate proferido pela seguinte fonte: DVD Vídeos. Coleção Grandes educadores. Henri Wallon. Apresentação Izabel Galvão. Acessado em 12/07/2013.

independente, ela precisa da ligação com pessoas experientes, que é a mãe, o pai ou o responsável.

A emoção é o primeiro recurso de interação da criança com o meio social e tem acesso a linguagem, sendo este um recurso fundamental de estruturação do pensamento de construção de si. A emoção tem característica de extremo contágio entre os indivíduos. Por exemplo, podemos observar na dinâmica de grupos, na sala de aula e até mesmo pelo descontrole da turma, provocada por uma atividade ou mesmo quando o professor está entusiasmado ao passar conhecimento, as crianças ficam contagiadas pelo tom da voz, do olhar, dos gestos que está ligado às emoções.

Na dimensão expressiva do conhecimento o educador deve atentar para as posturas corporais do aluno, os gestos fazem parte do desenvolvimento, impedir que ele se movimente poderá prejudicar a aprendizagem, ao invés de favorecer. Ele não aprende ficando imóvel. O pensamento é muito sustentado pelo movimento, ele precisa se mexer de vários modos pra construir o fluxo do pensamento. A questão motora está ligada ao processo de aprendizagens.

A inteligência nasce das emoções, constrói-se no indivíduo devido ao movimento de fusão emocional no início da vida humana. A criança vai se apropriando da inteligência construindo-a e organiza a ação de outro modo, baseado na ideia de representação de uma realidade, independente de estar em contato com aquela realidade. Inteligência e afetividade estão intimamente ligadas. A inteligência se apoia no ato motor, por exemplo, os faz de conta, os gestos e como representar um objeto, uma ideia ligada ao movimento. A inteligência descola-se do movimento aos poucos, é um processo gradual e podemos observar em nossos próprios movimentos ao gesticular as mãos quando falamos ou pensamos.

A consciência é construída por meio de socialização, da relação com o outro. A criança não se socializa para se desenvolver. Por exemplo, na imitação, ela incorpora o outro. A princípio, é na família que interage, posteriormente na escola e seus meios. Ela se apropria e constrói outras relações articulando com um contexto diferente do seu. A escola é uma alternativa à educação familiar e a criança acaba por apropriar-se de outros valores. A escola, a princípio, pode possibilitar outros conceitos diferentes do ambiente familiar, independente da origem social ou nascimento, e fazer uma educação igual para todos.

Sendo assim, a criança desenvolve-se de acordo com o meio em que está inserida. Desde os primeiros movimentos sua inteligência já está em processo de desenvolvimento, ligado as suas emoções e na relação com a família que é o primeiro contato de interação e socialização, onde tem acesso à linguagem e seu pensamento inicia o processo de estruturação. Neste contexto, os fatores contribuem com a atividade de aprendizagem que

serão articulados junto com a escola, possibilitando que o desenvolvimento seja por completo, pois cada criança tem uma história de vida ligada a sua própria cultura.

3. CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para Nascimento (2007), a implantação do ensino fundamental de nove anos, veio ressaltar sobre a importância do debate que tem como foco a busca de possibilidades adequadas para recebermos às crianças de seis anos de idade nessa etapa de ensino. Afirma também que se faz necessário discutir sobre quem são essas crianças, quais são as suas características e como essa fase da vida tem sido compreendida dentro e fora do ambiente escolar.

Destaca ainda, que para ser superado o desafio da implantação do ensino fundamental de nove anos, é necessária a participação de todos e o debate no interior de cada escola deve ser ampliado. Uma pergunta que inquieta e abre possibilidades de discussão é: quem são as crianças hoje? Essa pergunta é fundamental, para refletir sobre as concepções de infância que orientam as práticas escolares vigentes, quanto para saber sobre as possibilidades de mudança que esse momento anuncia.

Segundo Nascimento (2007), as grandes desigualdades na distribuição de renda e de poder foram responsáveis por infâncias distintas para classes sociais também distintas. Afirma ainda, que as crianças das classes mais abastadas, eram educadas por preceptores particulares, não tendo frequentado escolas até o início do século XX, e os filhos dos pobres, desde muito cedo, eram considerados força produtiva, não tendo a educação como prioridade.

Nesse contexto, segundo a mesma autora, no Brasil, ainda é muito recente a busca pela democratização da escolarização obrigatória e presenciamos agora a sua ampliação. A escolaridade deve ser prioridade na vida das crianças e jovens, e que sejam olhados pela escola nas suas especificidades para que a democratização efetivamente aconteça.

Afirma ainda que nesse sentido, podemos ver o ensino fundamental de nove anos como uma estratégia de democratização e acesso à escola. A Lei nº 11.274 de seis de fevereiro de 2006, assegura o direito das crianças de seis anos à educação formal, obrigando às famílias a matriculá-las e o Estado a oferecer o atendimento.

De acordo com Nascimento (2007), refletir sobre a infância em sua pluralidade dentro da escola é também pensar nos espaços que têm sido destinados para que possa viver este tempo de vida com todos os direitos assegurados.

Nesse sentido afirma ainda, que hoje é comum observar atitudes de adultos, dentro e fora da escola, que desconsideram a criança como ator social, assim, quer chamar a atenção para a necessidade de a escola trabalhar o sentido da infância em toda a sua dimensão. Acreditando-se que o principal papel da escola é o desenvolvimento integral da criança, devemos considerá-la na dimensão afetiva, cognitiva, social e psicológica. Isto não é uma tarefa só dos professores, mas de toda a comunidade escolar. Para Nascimento:

Para considerar a infância em toda a sua dimensão, é preciso olhar não só para o cotidiano das instituições de ensino como também para outros espaços sociais em que as crianças estão inseridas. Os reflexos desse olhar podem ser percebidos em vários contextos da sociedade. (NASCIMENTO, 2007, p. 28,29).

É importante fazer uma reflexão e investigar sobre quem são essas crianças que estão chegando às nossas salas de aula. De onde vêm se já tiveram experiências escolares anteriores e a que grupos sociais frequentavam ou frequentam.

Antes de pertencerem à escola, essas crianças estavam em outros lugares e envolvidas em outras atividades. Percebe-se que não só a escola e a legislação têm voltado sua atenção para a criança. A mídia também encontrou na infância um grande público consumidor. Os comerciais buscam criar desejo e incentivam o consumo. Outros espaços reservados, por exemplo, em supermercados que oferecem maior conforto e um cantinho lúdico.

Por outro lado, temos crianças que vivem em situação de pobreza e que precisam muitas vezes trabalhar para se sustentar ou mesmo que sofrem violência doméstica. São destituídas de direitos e cujas vidas são pouco valorizadas.

Nesses diferentes contextos, são grandes os desafios que atualmente a escola enfrenta, pois ela recebe crianças de diferentes classes sociais e todas devem ser atendidas dentro das suas necessidades.

Ainda de acordo com Nascimento (2007), ao receber a criança de seis anos no ensino fundamental, tenha ela frequentado, ou não, a educação infantil, devemos ter em mente que esse é o primeiro contato com o seu percurso no ensino fundamental. O momento da entrada na escola é um período delicado que merece toda a nossa atenção.

As ações do acolhimento e inserção são fundamentais na expectativa da criança e com a nova experiência de aprendizagem. Outro ponto a ser destacado é em relação à maneira como são organizados os tempos e os espaços escolares.

Segundo Nascimento (2007), a infância na escola e na sala de aula é um grande desafio para o ensino fundamental, que ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade. Nosso convite, e desafio é aprender sobre, e com as crianças por meio de suas diferentes linguagens. Nesse sentido, a brincadeira torna-se essencial, pois nela estão presentes as múltiplas formas de ver e interpretar o mundo. Portanto, a brincadeira é responsável por muitas aprendizagens.

De acordo com Borba (2007), a experiência do brincar cruza com diferentes lugares e os tempos: passados, presentes e futuros sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança.

Desta forma, as brincadeiras nos remetem à infância, às brincadeiras de esconde-esconde, bolinha de gude, amarelinha, queimada, casinha, mãe e filha etc. E nos faz refletir hoje, de que as crianças brincam, como e com quem. A falta de espaço nas grandes cidades, pela pressa, pela influência da mídia; do consumismo, por causa da violência, refletem-se nas brincadeiras.

Assim a criança vive uma experiência social e cultural que são relações estabelecidas com os outros adultos e ela. Essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura. Borba esclarece que:

A brincadeira é uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças. Porém, ao menos nas sociedades ocidentais, ainda é considerada irrelevante ou de pouco valor do ponto de vista da educação formal, assumindo frequentemente a significação de oposição ao trabalho, tanto no contexto da escola quanto no cotidiano familiar. (BORBA 2007, p. 34).

Não se pode desconsiderar a dimensão cultural ou reduzir o brincar a uma atividade de menor importância, avaliado muitas vezes por nós como tempo perdido. Essa visão é fruto de que a brincadeira é uma atividade oposta ao trabalho, sendo por isso menos importante, uma vez que não se vincula ao mundo produtivo, não gera resultados. É essa concepção que provoca a diminuição dos espaços e tempos do brincar à medida que avançam as séries/anos do ensino fundamental. Seu lugar e seu tempo vão se restringindo à “hora do recreio”, assumindo contornos cada vez mais definidos e restritos em termos de horários, espaços e disciplina: não pode correr, pular, jogar bola, etc. Sua função fica reduzida a proporcionar o relaxamento e a reposição de energias para o trabalho, este sim sério e importante. Entretanto, a brincadeira também é séria! E no trabalho muitas vezes brincamos e na brincadeira também trabalhamos! Diante dessas considerações podemos pensar o brincar de forma mais positiva,

não como oposição ao trabalho, mas como uma atividade que se articula aos processos de aprender, desenvolver e conhecer a si mesmo.

Tanto a dimensão científica, quanto a dimensão cultural e artística deveriam ser contempladas nas nossas práticas junto às crianças, e para isso é preciso que as rotinas, as grades de horário a organização dos conteúdos e das atividades abram espaços para que possamos, junto com as crianças, brincar e produzir cultura. Sobre a ludicidade Borba afirma que:

Existem inúmeras possibilidades de incorporar a ludicidade na aprendizagem, mas para que uma atividade pedagógica seja lúdica é importante que permita a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como mais um exercício. (BORBA 2007, p. 43).

Nesse sentido, o professor deve aproveitar o jogo, o brinquedo, objetos e a brincadeira para desenvolver a aprendizagem da criança. Quando estimulada a usar sua imaginação durante as atividades ela se torna mais criativa e menos repetitiva. Ao encontrar um problema, desperta o desejo de fazer perguntas e o professor pode ajudá-la na solução.

Borba (2007) enfatiza ainda que podemos utilizar a ludicidade no processo de alfabetização, por exemplo, o trava-língua, os jogos de rima, lotos com palavras, jogos de memória, palavras cruzadas, línguas do pê e outras línguas que podem ser inventadas, entre outras atividades, pois elas constituem formas interessantes de aprender brincando ou de brincar aprendendo.

Para que se promova uma experiência lúdica devem-se propor atividades que tenham relações com o conhecimento, e assim potencializaras possibilidades de aprender, fazer várias descobertas por meio de jogos, de brinquedos e das brincadeiras. Estas atividades lúdicas não devem ficar restritas a parques, ou aos pátios para recreação e a determinadas horas, e aos locais marcadas pela escola, mas devem ocorrer também nos espaços das salas de aula, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos.

Segundo Borba (2007), outra forma de se trabalhar o lúdico com as crianças e adolescentes seria por meio da arte, cultura e do conhecimento, sendo estes, frutos da ação humana sobre o mundo, sobre a realidade. Daí a necessidade de levar crianças e adolescentes para participar de exposições de vários tipos, assistir aos filmes, dançar, ouvir músicas, entre outras atividades. Hoje, por meio de novas tecnologias como os CDs, DVDs, e mesmo a televisão este trabalho está facilitando. Além disso, ter acesso aos livros de arte, jornais, livros biográficos de autores de produções artísticas, e não só contemporâneos. É uma forma de ler o mundo, ampliar o conhecimento. Também poderão realizar suas produções para expressar,

observar e coletar informações. O professor poderá ampliar a leitura e trabalhar outras atividades como a apreciação e criação de poesias, rimas, jogos de palavras entre outros. Por meio do fazer estético propiciam-se às crianças múltiplas formas de reflexão, comunicação e de compreensão de si mesma.

As Diretrizes Curriculares Nacionais traçam a direção para que as escolas reflitam sobre suas propostas pedagógicas que será trabalhada com as crianças de seis anos de idade, nos anos/séries iniciais do ensino fundamental e que a mesma deve estar articulada com as áreas do conhecimento.

Trabalhar com os conhecimentos das Ciências Sociais nessa etapa de ensino reside, especialmente, no desenvolvimento da reflexão crítica sobre os grupos humanos, suas relações, suas histórias, suas formas de se organizar, de resolver problemas e de viver em diferentes épocas e locais. Ajudar a criança a pensar e a desenvolver atitudes de observação, de estudo de comparação das paisagens, do lugar onde habita, das relações entre os homens, o espaço e a natureza. Propor atividades por meio das quais as crianças possam investigar e intervir sobre a realidade, reconhecendo-se como parte integrante da natureza e da cultura.

Na área das Ciências Naturais, o objetivo é ampliar a curiosidade das crianças, incentivá-las a levantar hipóteses e a construir conhecimentos sobre os fenômenos físicos e químicos, sobre os seres vivos e sobre a relação entre o homem e a natureza e entre o homem e as tecnologias. É importante organizar os tempos e os espaços da escola para favorecer o contato das crianças com a natureza e com as tecnologias, possibilitando assim: a observação, a experimentação, o debate e a ampliação de conhecimentos científicos.

Noções Lógico-Matemáticas encorajam as crianças a identificar semelhanças e diferenças entre distintos elementos, classificando, ordenando e seriando; a fazer correspondências e agrupamentos; a comparar conjuntos, a pensar sobre números e quantidades de objetos quando esses forem significativos para elas, operando com quantidades e registrando as situações-problema (inicialmente de forma espontânea, posteriormente, usando a linguagem matemática). É importante que as atividades propostas sejam acompanhadas de jogos e de situações-problema e que também promovam a troca de ideias entre as crianças. Especialmente nessa área, é fundamental o professor fazer perguntas às crianças para poder intervir e questionar a partir da lógica delas.

O trabalho com a área das linguagens parte do princípio de que a criança, desde bem pequena, tem infinitas possibilidades para desenvolver a sensibilidade e a expressão. Um dos grandes objetivos do currículo nessa área é a educação estética, isto é, sensibilizar a criança para apreciar uma pintura, uma escultura, assistir a um filme, ouvir uma música. Nesse

período, é importante a criança vivenciar atividades em que possa ver e reconhecer, sentir novas experiências, imaginar as diversas manifestações de arte e de atuar sobre elas.

A área das linguagens inclui possibilitar a socialização e a memória das práticas esportivas e de outras práticas corporais. O professor ao planejar atividades dessa área para as crianças precisa escolher aquelas que promovam a consciência corporal, a troca entre elas, à aceitação das diferenças, o respeito, a tolerância e a inclusão do outro.

É importante que o cotidiano das crianças das séries/anos iniciais seja pleno de atividades de produção e de recepção de textos orais e escritos, tais como a escuta diária da leitura de textos diversos, especialmente de histórias e textos literários. A participação em jogos e brincadeiras com a linguagem; entre muitas outras possíveis. Ao lado disso, as crianças devem ser encorajadas a pensar, a discutir, a conversar e, especialmente a raciocinar sobre a escrita alfabética, pois um dos principais objetivos do trabalho com a língua nos primeiros anos/séries do ensino fundamental é lhes assegurar o conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita, compreendendo e se apropriando dos usos e convenções da linguagem escrita nas suas mais diversas funções.

Entendemos que, em todas as áreas, é essencial o respeito às culturas, à ludicidade, à espontaneidade, à autonomia e à organização das crianças, tendo como objetivo o pleno desenvolvimento humano.

Portanto, cada criança possui sua própria história de vida, formas diferentes de viver a infância e culturas diferentes. E, por meio das brincadeiras que realizam fora ou dentro da escola, que temos a oportunidade de conhecê-la melhor. Ela continua sendo criança e não pode ser tratada como um adulto. Tem suas características próprias. Por isso precisamos saber e conhecer quem é essa criança, pois a escola recebe criança de todas as classes sociais. Portanto, a partir do grupo social em que elas estão inseridas que é desenvolvido o trabalho pedagógico. Assim, podemos conhecê-la melhor, compreender sua forma de aprender e valorizar o que ela pensa e faz.

4. A LUDICIDADE EM PONTA PORÃ: UM ESTUDO DE CASO NA FRONTEIRA

Para concluir a realização desta pesquisa, foi analisada a Escola Estadual Joaquim Murtinho localizada na Rua General Osório, 321 em Ponta Porã MS, para obter a resposta da pergunta condutora deste trabalho: A ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico importante na construção do conhecimento na sala de aula do 1º Ano dos Anos Iniciais da

Escola Estadual Joaquim Murтинho? Ressalta-se que a instituição mencionada também possui o Ensino Médio; a EJA - Educação de Jovens e Adultos, atendendo nos períodos matutino, vespertino e noturno, sendo constituída por 19 salas de aula.

A Escola⁴ Estadual Joaquim Murтинho, é o resultado da integração física das: Escola Técnica de Comércio Joaquim Murтинho e Centro Educacional José Pinto Costa, tendo a Escola Técnica de Comércio Joaquim Murтинho iniciando suas atividades escolares no ano de 1957, conforme portaria nº 137, de 15/03/57, sendo mantida pela Sociedade Educadora de Ponta Porã e tendo como diretor: Ruy de Souza Cunha, 01/01/57 à 03/01/59 e vários professores assumiram a direção durante o decorrer dos anos. No período de 2005/2007, foram eleitas para a direção a Professora Idinei Ribeiro Santana Ardel e Nilva Maria Tolentino de Souza, após a aposentadoria por invalidez da professora Idinei R. S. Ardel, em março de 2006 assume a direção à professora Nilva Maria Tolentino de Souza e diretora Adjunta Elizabeth Bono Brianez Rodrigues.

De acordo com o Plano Político Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murтинho, Joaquim Duarte Murтинho – nascido em Cuiabá no dia 07 de dezembro de 1848, e falecido no Rio de Janeiro aos 19 de fevereiro de 1911. Foi o maior Estadista Brasileiro no período republicano. É o mais legítimo orgulho da terra mato-grossense. O maior financista do país. Foi engenheiro civil e professor de biologia da escola Politécnica. Médico homeopata de renome. Deputado Federal por várias vezes. Senador, Ministro da Aviação e Ministro da Fazenda, no governo de Campos Sales, prestando inestimáveis serviços de reabilitação de crédito ao País. Publicou várias obras, colaborou nos “arquivos da Medicina” com anais da medicina homeopática.

A sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Joaquim Murтинho, apresenta boa estrutura física, com sala ampla com banheiro, bem arejada, e boa iluminação. Conta ainda com recursos como: quadro de giz, caixa para guardar livros, jogos de montar e outros brinquedos, TV, cartazes fixados nas paredes com objetivo de passar informações e estimular às crianças na aprendizagem.

O espaço físico é amplo, com uma quadra de esportes, e gramado onde as crianças se movimentam e brincam livremente. A turma do primeiro ano do ensino fundamental é composta por vinte e nove alunos que corresponde à faixa etária de cinco a seis anos.

⁴Estas informações foram extraídas: Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murтинho (ato de Criação: Lei nº 2993 de 09/08/1970 – DO nº 15.631/09/06/70).

Os professores entrevistados foram três. O docente A⁵ é professora de Educação Infantil de séries iniciais. Possui Curso Normal Superior com especialização em Educação Infantil. O docente B com formação em Educação Física com especialização em Qualidade de Vida. O docente C é formado em Artes Visuais com especialização em Educação Musical.

4.1 Ponta Porã, história, memória e ludicidade

Neste texto iremos abordar o lócus da pesquisa, a sala do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Joaquim Murtinho que está localizada no município de Ponta Porã, de acordo com (Quintas 2012), o município de Ponta Porã, foi criado em 18 de julho de 1912. Faz fronteira com Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia e capital do Departamento de Amambay.

O município de Ponta Porã está localizado sobre a Serra de Maracaju no Sul do Estado de Mato Grosso do Sul e pertence à microrregião de Dourados. A colonização da nossa região ganhou impulso após a guerra do Paraguai (1864 – 1870), conflito bélico ocorrido entre a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai.

Após 1870, o povoamento intensifica-se na região de Ponta Porã com a fixação dos ex-combatentes e a demarcação da fronteira entre Brasil e Paraguai.

Thomas Laranjeira, que participou da Guerra da Tríplice Aliança e depois da comissão demarcadora dos limites Brasil–Paraguai, resolveu permanecer na região, pois conhecia o grande mercado consumidor de erva-mate no sul do país. Encontrando enormes ervais nativos com a mão de obra disponível, (índios e paraguaios que conheciam a preparação da erva-mate). Começa então a exploração dos ervais, transportada em carretas paraguaias e embarcadas em navios para a Argentina.

A Companhia Mate Laranjeira foi à primeira empresa extrativista que teve papel importante no povoamento de Ponta Porã. A sede da Companhia ficava na Fazenda Campanário, um território com hospital, energia elétrica, hotéis, policiamento próprio e aproximadamente três mil operários fixos. No trabalho com a erva–mate pouco se falava o português, devido à grande presença de paraguaios e argentinos, era um verdadeiro “estado” dentro do Estado de Mato Grosso.

⁵ Os nomes dos profissionais citados no trabalho não foram revelados.

Os fatores que levaram ao declínio da produção ervateira na região ocorreram na década de 30, com a autossuficiência de produção ervateira argentina e a produção desse produto por parte do governo argentino. Isso refletiu diretamente na economia local.

Atualmente, a Companhia Mate laranjeira atua no setor pecuário. Na atualidade, há outras empresas que fazem a exploração dos ervais da nossa região.

De acordo com (Quintas 2012), o povoado cresceu e o nosso município acompanhou as transformações do país. Ressalta ainda, que para este crescimento populacional dois fatores foram essenciais: o crescimento natural e o crescimento econômico. Este último contribuiu para a fixação dos moradores no município e também atraiu migrantes de outras localidades, aumentando assim, a população do município de Ponta Porã. Segundo Quintas:

A população de Ponta Porã é resultado de uma intensa miscigenação que iniciou de forma significativa com a exploração dos ervais e com a corrente migratória gaúcha (1893 a 1895). Também contribuíram para isso povos de outros estados como: paranaenses, paulistas, mineiros, nordestinos, além dos imigrantes paraguaios, argentinos, asiáticos, árabes, entre outros. (QUINTAS 2012, p. 80).

Podemos observar que por ser região fronteira, há uma diversidade de culturas, línguas e etnias que formam a nossa história. Pessoas que imigraram e a interação de povos de outros lugares fazem parte da riqueza cultural da cidade até os dias atuais.

Segundo Brandão (2006), a educação existe de forma diferente em pequenas sociedades tribais, sociedades camponesas, países desenvolvidos e industrializados, em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas. A educação existe de forma diferente em cada tipo de sociedade ou povos que se submetem e dominam outros povos usando a educação como um recurso de dominância. A educação sempre terá relação com outras maneiras de educação. Dentro de uma cultura e sociedade seja ela livre ou imposta, as trocas de saberes, constroem os tipos de sociedades.

O mesmo autor ainda afirma que tudo que se sabe aos poucos se adquire por viverem muitas e diferentes situações de trocas de saberes entre pessoas, com o corpo e a consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe e faz.

Para Brandão (2006), as crianças aprendem imitando, ou observando seus pais, avós e outras pessoas da comunidade. Esses agentes da educação de aldeia criam de parte a parte as situações que, direta ou indiretamente, forçam iniciativas de aprendizagem e treinamento. Esse treinamento ocorre através das trocas sociais, onde crianças e adolescentes aprendem

habilidades corporais, são estimuladas a fazer e repetir até o acerto; observam seus condutores e os procedimentos daqueles que sabem.

Portanto, a sociedade e a escola constroem juntas a sua história. É importante conhecer e valorizar a história de vida de cada um para que participem dessa construção. Tendo a cooperação da escola, alunos, professores e a sociedade.

A criança vai com sua cultura para a escola, seus costumes, tradições e histórias. Tudo que ela traz faz parte da sua cultura e a escola irá trabalhar nesses significados que fazem parte da linguagem trazida para a escola.

As aprendizagens e outras atividades pedagógicas como os jogos, e as brincadeiras, permitem a criança compreender a si mesma e aos outros, adotando valores e atitudes que acompanharão toda a sua vida. Esse universo lúdico faz parte do mundo histórico de cada sociedade.

4.2 Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murinho

Conforme o histórico mencionado foi após a exploração industrial dos ervais que Ponta Porã transformou-se em polo de exploração de erva nativa, favorecendo o crescimento da região. Nesse contexto, surgem as diversas instituições existentes, entre elas a Escola Estadual Joaquim Murinho.

O Município de Ponta Porã torna-se um local de diversidades sociais e culturais onde essas diversidades também estão presentes nas salas de aulas das escolas em nossa região.

Segundo o PPP⁶ (Projeto Político Pedagógico) a Escola Estadual Joaquim Murinho tem por objetivo nortear a ação pedagógica na escola. Organizar e assegurar o processo ensino aprendizagem, reorganizar o currículo escolar e priorizar a autonomia plena da escola como agente educativo, garantir a articulação e a construção de conhecimentos sistematizados, enfatizar a transformação do sujeito em busca de prática social e a cidadania.

De acordo com a organização do Trabalho Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murinho o Ensino Fundamental deve ser repensado em sua totalidade. Assim, delineamos alguns aspectos que serão específicos das turmas dos primeiros anos e outros que devem ser pensados para as demais. Nesse sentido, a organização pedagógica deve considerar: conteúdos significativos para os(as) alunos(as) e professores(as), interligados com o que acontece dentro

⁶Estas informações foram extraídas: Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Joaquim Murinho (ato de Criação: Lei nº 2993 de 09/08/1970 – DO nº 15.631/09/06/70).

e fora da escola; atividades instigantes, com problemas a resolver e decisões a tomar e, ainda, possibilidade de avanço na construção e apropriação de novos conhecimentos; intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e às possibilidades de aprendizagem dos alunos; acesso às diferentes linguagens, como: música, dança, artes visuais, teatro e outros; incluir na rotina escolar atividades de reflexão sobre o sistema alfabético e atividades de letramento; acesso a vivência dos papéis de falante/ouvinte e de leitor/escritor; considerar as diferentes formas de organizar os conteúdos, como por exemplo: projetos, atividades sequenciadas, atividades permanentes, situações independentes; formação continuada de todos os profissionais do Ensino Fundamental para garantir a execução da proposta.

Assim sendo, espaço e tempo devem ser organizados, para que as turmas dos primeiros anos: tenha rotina, cantinhos, regras, combinados, rodas, brincadeiras programadas ou não, projetos, avaliação individual e de grupo por inferência de registros.

A Escola Estadual Joaquim Murtinho tem como filosofia, assegurar o ensino de qualidade e garantir a oportunidade de acesso e permanência dos alunos na escola, em ambiente criativo, solidário e de igualdade entre todos, visando uma educação reflexiva, apoiando-se na força de expressão de cada um, estimular o aluno como um todo, respeitar seus direitos, incentivando cada membro da escola na construção da cidadania compreender a transformação da sociedade em que vive, além de desenvolver os conteúdos historicamente acumulados para assim assimilar a realidade política, econômica e cultural da sociedade vigente, buscando a formação de cidadãos críticos, capazes de agir na transformação da sociedade.

4.3 Metodologia da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada a partir da abordagem qualitativa, no qual foi analisada a sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Joaquim Murtinho. A partir da leitura dos teóricos mencionados entre eles Lüdke e André. Foram realizados a observação na sala do 1º Ano dos anos iniciais e conseqüentemente a coleta dos dados documentais. Os passos da pesquisa ocorreram inicialmente com as visitas alternadas, totalizando três observações. Posteriormente aplicou-se um questionário escrito com a participação das três professoras que atuam no 1º ano do Ensino Fundamental na rede Estadual de Ponta Porã MS.

Para Ludke e André (1986), a realização da pesquisa em campo é muito relevante. A observação é o principal instrumento de investigação, pois o observador pode recorrer ao conhecimento e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do objeto estudado e confrontar a teoria estudada com a realidade. A observação e a entrevista representam um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Para os autores o estudo de caso tem características fundamentais em seu processo de desenvolvimento e destaca que:

Os estudos de caso visam à descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18).

Através da descoberta é que chegaremos ao conhecimento. O contato direto com a escola, a sala de aula, professores e alunos nos permitem obter as respostas ou novas indagações. Tendo uma fonte de informações que permitirá compreender melhor o ambiente escolar, como também a ação pedagógica desenvolvida por ela no objeto estudado desta pesquisa.

4.4 Análises das entrevistas

As entrevistas foram realizadas com as professoras do período vespertino, na sala do 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Joaquim Murinho. Os estudos realizados na aplicação do lúdico esclareceram sobre a importância e o estímulo que recebem diante do brincar e das brincadeiras no desenvolvimento das crianças. Na sala de aula e em outros espaços observados notou-se a utilização dos mesmos métodos em que os alunos fazem várias atividades lúdicas importantes para o desenvolvimento de habilidades e capacidades.

As professoras consideram importante a prática do lúdico na escola, bem como a utilização das brincadeiras como meio de contribuir no processo do ensino aprendizagem, na criatividade e até mesmo na maturação da criança na fase de alfabetização.

As três entrevistadas serão denominadas como professora A, professora B, e professora C, sendo que as mesmas responderam o questionário encontrado no final deste trabalho. A pesquisa foi realizada com a turma do 1º ano séries/iniciais, composta por vinte e

nove alunos que correspondem à faixa etária de cinco a seis anos da Escola Estadual Joaquim Murinho.

As observações e a coleta dos materiais mencionados têm como objetivo principal encontrar a resposta da pergunta norteadora desta monografia: a ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico importante na construção do conhecimento da sala de aula 1º Ano dos anos iniciais da Escola Estadual Joaquim Murinho? Nas observações realizadas os alunos participaram do teatro com fantoches. As crianças demonstraram muita alegria, emocionaram-se e fizeram parte da história ao participarem da atividade. Conversaram com as personagens, riram, dialogaram, expressando suas ideias, comunicando algo a eles. Vivenciaram e absorveram as mensagens, imitando as personagens influenciando nas suas atitudes e comportamento. Portanto, é uma atividade lúdica em que expressaram seus sentimentos e emoções. No tangente a essa questão Maluf ressalta que:

A forma de introduzir o brinquedo no mundo da criança é importante. Em certas situações pode apenas ser colocado no ambiente que a criança vai explorar; outras vezes precisa ser apresentado a ela, mostrando as possibilidades de exploração que oferece. (Maluf, 2003, p. 47).

Nesse contexto, ao participarem das brincadeiras prazerosas as crianças revelaram suas alegrias, experimentaram novas sensações e colocaram em ação sua imaginação. Ficaram atenciosas e ao mesmo tempo se divertiram. Pode-se dizer que enquanto brincavam aprenderam vivenciando situações de aprendizagem e desenvolvem diversas habilidades de imaginação, linguagem, criatividade, comunicação e o pensamento.

Após as observações foram realizadas três entrevistas, sendo a primeira com a professora A, formada em Educação Infantil e Séries Iniciais. Curso Normal Superior com Especialização em Educação Infantil. A mesma respondeu as seguintes perguntas: 1- Você considera importante a prática do lúdico nas escolas? 2- Em sua opinião a utilização de atividades lúdicas pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos? 3- No seu entendimento, as atividades lúdicas são capazes de contribuir na criatividade da criança nos anos Séries Inicial? 4- Você acredita que as atividades lúdicas são capazes de contribuir na maturação da criança na alfabetização? 5- Você utiliza alguma atividade lúdica no contexto de sala de aula? Em quais circunstâncias? 6- Você acha importante a relação da criança com o brinquedo? Por quê? 7- Você utiliza o brinquedo como atividade em sala de aula? De que forma? 8- Ao realizar as atividades lúdicas, como os alunos reagem quando desenvolvem tais atividades? 9- Quais são o tempo e a disponibilidade de espaço que a escola oferece para as crianças brincar? 10- Quais as brincadeiras espontâneas mais frequentes feitas

pelas crianças na escola? 11- Você acredita que o brinquedo e o ato de brincar sejam fundamentais no processo de desenvolvimento da criança?

Foi observado que a professora tem conhecimento sobre a importância da relação da criança com o brinquedo na aquisição de novas aprendizagens. Pois é brincando que a criança interioriza e se relaciona com os conteúdos, e o brinquedo é uma ferramenta essencial neste processo. Na opinião da educadora, a utilização do brinquedo como parte integrante da atividade em sala de aula serve para ensinar um conteúdo, ou até mesmo para relaxar, sem estar o tempo todo direcionado, é a forma como os alunos aprendem com as trocas. Suas respostas estão de acordo com o que Borba (2007) afirmou:

O brincar deve ser incorporado em nossas práticas, isso exige a garantia de tempos e espaços para que as próprias crianças e os adolescentes criem e desenvolvam suas brincadeiras, não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades (como os pátios e parques para recreação), mas também nos espaços das salas de aula, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos. (Borba 2007, p. 43,44).

Portanto, é necessário que o professor organize as atividades e que sejam planejadas colocando a disposição materiais e objetos para descobertas. Assim as crianças irão compartilhar brincadeiras, experiências e conhecimento influenciando no seu modo de pensar e agir.

A segunda entrevista analisada foi a da professora B, formada em Educação Física com especialização na área de qualidade de vida.

A análise da entrevista demonstrou que a professora em sua prática pedagógica desenvolve várias atividades lúdicas, que tem uma função importante para o desenvolvimento de habilidades da criança. Afirmando que através das brincadeiras e jogos a criança torna-se mais espontânea e desenvolve a imaginação. Em relação à resposta da professora podemos afirmar segundo Maluf, (2003):

O brincar, enquanto promotor da capacidade e potencialidade da criança, deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado a sala de aula. A brincadeira e o jogo precisam vir à escola. Muito pode ser trabalhado a partir de jogos e brincadeiras: contar e ouvir histórias, dramatizar, jogar com regras, desenhar e uma infinidade de outras atividades constituem meios prazerosos de aprendizagem. (MALUF 2003, p. 30,31).

Nesse contexto, brincar sempre foi uma atividade espontânea e muito prazerosa. Ajuda as crianças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social. Além disso, vão amadurecendo e acabam por alcançar um melhor nível de desempenho.

A terceira entrevista analisada foi a da professora C, formada em artes Visuais com especialização em Educação Musical. Também afirmou que trabalha com várias atividades lúdicas de forma educativa. Ao trabalhar com atividades lúdicas consegue maior participação dos alunos. Bomtempo (1999) afirma que:

Dando a criança acesso a diferentes tipos de materiais como cubos, tintas, areia, água, brinquedos de diferentes tamanhos e formas, bem como a liberdade para explorá-los à sua maneira, estaremos proporcionando o desenvolvimento de sua habilidade de conhecer objetos e ações de distingui-los entre si, de tomar consciência de suas similaridades e diferenças e, finalmente, de abstrair, de classificar e simbolizar. E tudo isso virá, naturalmente, de uma rica e ativa vida de brincadeiras. (Bomtempo, 1999, p. 66).

De acordo com a citação acima, o professor pode selecionar, organizar e apresentar objetos e materiais para desenvolver conceitos ou temas. Ao manipular esses materiais envolve atitudes como: desejo de fazer perguntas, desperta a curiosidade para experimentar de maneiras diferentes objetos já conhecidos e descobrir coisas novas.

Pode-se observar que as professoras têm conhecimento amplo sobre a ludicidade e suas respostas estão de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola.

É necessário apontar para o papel do professor na garantia e no enriquecimento da brincadeira como atividade social do universo infantil. As atividades lúdicas precisam ocupar um espaço especial na educação. Faz-se necessário que se entenda que o professor é a figura essencial para que isso aconteça, e por outro lado é preciso criar os espaços apropriados, como também oferecer materiais para que o mesmo exercite sua imaginação e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no texto introdutório, a pesquisa objetivou identificar se a ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico na sala de aula do 1º Ano do Ensino Fundamental. Nesse contexto, o trabalho estruturou-se a partir da seguinte pergunta condutora: A ludicidade é um instrumento de apoio pedagógico, na construção do conhecimento na sala de aula do 1º Ano dos Anos Iniciais da Escola Estadual Joaquim Murtinho na cidade de Ponta Porã? A metodologia do trabalho estruturou-se em uma abordagem qualitativa, com a técnica de um estudo de caso fundamentados nos teóricos Lüdke e André (1986) e Maluf 2003.

O trabalho também abordou sobre temas que caracterizam as crianças em seus estágios de desenvolvimentos. Segundo Nascimento (2007), as ações do acolhimento no ensino fundamental são importantes para a criança, porque gera a expectativa com a nova aprendizagem. De acordo com Maluf (2003), a ludicidade deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica para se chegar ao desenvolvimento integral da criança.

Depois de realizada a pesquisa qualitativa na sala do 1º Ano dos Anos Iniciais constatou-se a importância da ludicidade no desenvolvimento social, cognitivo, físico e afetivo da criança. Compreender que os recursos utilizados como os brinquedos, os materiais, os objetos, os jogos e as brincadeiras têm a finalidade de favorecer habilidades e potencialidades, estimulando assim: imaginação, atenção, criatividade, inteligência, promovendo socialização e aprendizagem de forma mais prazerosa.

Assim sendo, as evidências mencionadas demonstraram que a ludicidade é importante na prática pedagógica para alcançar o desenvolvimento integral do aluno. Além disso, é preciso que a escola e os professores oportunizem materiais adequados que possam contribuir no desenvolvimento dos seus alunos.

Confirma-se que o educador deve ter conhecimento da importância da utilização dos recursos que a escola possui e que estão a disposição, como também a pro atividade do próprio professor como por exemplo: ensaiar peças de teatro, músicas, leituras e tantas outras atividades criativas no decorrer de sua aula para que possa desenvolver e facilitar tipos diferentes de trabalho. Além disso, considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Desta maneira, os resultados alcançados foram frutos da leitura e compreensão dos autores mencionados, das entrevistas realizadas e principalmente da análise de tais observações. Nessa perspectiva, o estudo demonstrou a

partir das fontes orais e documentais que a escola e os professores estão cientes que o lúdico é importante na construção do conhecimento, no desenvolvimento integral da criança. A maneira como ela é estimulada através do lúdico desenvolve suas potencialidades alcançando melhores níveis de desempenho, quando participa de atividades que lhe dão prazer demonstra maior participação, porque ela começa a fazer novas descobertas e aprende de forma criativa e participativa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BETTELHEIM, apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

BOMTEMPO, E. **Psicologia Escolar e Educacional**. 1999, Vol. 3, nº 1, 61-69. ISSN 1413-8557. Artigos. **Brinquedo e Educação: na Escola e no Lar**. Abrapee / São Paulo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos).

BROUGERE, apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

GARBARINO, J.; DUBROW, N.; KOSTELNY, K., PARDO apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

LUDKE, MENGA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**/ Menga Ludk, Marli E.D.A. – São Paulo: EPU, 1986.

Bibliografia. 1. Pesquisa educacional I. André, Marli E.D.A. II Título III. Série.

KOSTELNIK, M.J.;WHIREN, A.P.; STEIN, L.C. apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

LEVINZON, apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40..

MALUF, ANGELA Cristina Munhoz. **Brincar; Prazer e aprendizado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Tradução de A. Cabral e C. M. Oiticica. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

QUINTAS, José Manuel. **Ponta Porã em Foco. Aspectos Históricos e Geográficos do Município de Ponta Porã, MS**. 3ª Ed. 2012.

SINGER, apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

VYGOTSKY, apud BOMTEMPO, E. **Brinquedo, linguagem e desenvolvimento**. São Paulo, 1988, vol. 2(2), 23-40.

VÍDEOS E DOCUMENTOS

BORBA, Ângela Meyer. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**/organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

DVD – VÍDEO - Coleção Grandes Educadores. Jean Piaget. Apresentação Ives de La Taille. Acessado em 10/07/2013.

DVD VÍDEO. Coleção Grandes Educadores. Lev Vygotsky. Apresentação Marta Kohl de Oliveira. Acessado em 11/07/2013.

DVD VÍDEO. Coleção Grandes Educadores. Henri Wallon. Apresentação Izabel Galvão. Acessado em 12/07/2013.

Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

1. Ampliação da escolarização. 2. Ensino fundamental. 3. Escolaridade obrigatória. 4. Duração da escolarização. I Beauchamp, Jeanete. II Pagel, Sandra Denise. III. Nascimento, Aricélia Ribeiro. IV. Brasil. Secretaria de Educação Básica. CDU 37.046.12.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

SITES PESQUISADOS

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. acesso 26/06/2011. Secretaria de Educação Básica SEB/MEC.

Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 - Estabelecia quatro anos de Ensino Fundamental. Acordo Punta del Leste e Santiago - Compromisso de estabelecer seis anos para o Ensino Fundamental até 1970.

Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 - Obrigatoriedade do Ensino Fundamental de oito anos.

Lei nove. 394, de 20 de dezembro de 1996 – admite a matrícula no Ensino Fundamental de nove anos, a iniciar-se aos seis anos de idade.

Lei nº 10. 172, de 9 de janeiro de 2001 - Aprovou o Plano Nacional de Educação/PNE. O Ensino Fundamental de 9 anos se tornou meta progressiva da educação nacional

Lei nº 11. 114 16 de maio de 2005 – torna obrigatória a matrícula das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental.

Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9_perfreq.pdf - acesso 02/06/2013

APÊNDICE
Roteiro das Entrevistas

- 1- Você considera importante a prática do lúdico nas escolas?

- 2- Em sua opinião a utilização de atividades lúdicas pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos?

- 3- No seu entendimento, as atividades lúdicas são capazes de contribuir na criatividade da criança nos anos Séries Iniciais?

- 4- Você acredita que as atividades lúdicas são capazes de contribuir na maturação da criança na alfabetização?

- 5- Você utiliza alguma atividade lúdica no contexto de sala de aula? Em quais circunstâncias?

- 6- Você acha importante a relação da criança com o brinquedo? Por quê?

- 7- Você utiliza o brinquedo como atividade em sala de aula? De que forma?

- 8- Ao realizar as atividades lúdicas, como os alunos reagem quando desenvolvem tais atividades?

- 9- Quais são o tempo e a disponibilidade de espaço que a escola oferece para as crianças brincarem?

- 10- Quais as brincadeiras espontâneas mais frequentes feitas pelas crianças na escola?

- 11- Você acredita que o brinquedo e o ato de brincar sejam fundamentais no processo de desenvolvimento da criança?